

O cio do ciúme ou o ciúme do zelo – de morder e de calar em *Asfalto*

Selvagem, de Nelson Rodrigues

Por Sheila de Almeida Machado

“(...) O ciúme lançou sua flecha preta e se viu ferido justo na garganta (...)”

Caetano Veloso

“Quem luta com monstros, que se cuide para não se tornar um monstro ao fazê-lo. E se olhas por longo tempo para dentro de um abismo, o abismo também olha para dentro de ti”.

Friedrich Nietzsche

“Desejar é a coisa mais simples e humana que há. Por que, então, para nós são inconfessáveis precisamente nossos desejos, por que nos é tão difícil trazê-los à palavra?”

Giorgio Agamben

“Como ciumento, sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovo por sê-lo, porque temo que meu ciúme fira o outro, porque me deixo sujeitar por uma banalidade: sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum”.

Roland Barthes

Há caminhos sem volta. Ou para os quais não se vislumbra retorno. Caminhos que são meio, sem serfim; ousão simplesmente o fim em si mesmos. Rotas trespassadas de luzes difusas, entrecortadas por sons tumultuados, concorrentes, pouco claros, velados; exercícios de alucinação incipiente, impiedosa, quando se é impiedoso consigo mesmo. Trajetos rigorosos e atrozes; antes atenuados, caso fossem ciclo: o ciclo traz de

volta ao princípio, cede a oportunidade da revisão, atualiza possíveis cansaços, autoriza escapes, embates de consciência. Antes falsos ciclos, porque tais trajetos, permeados por uma bússola pungente, severa, metálica, viciada no sul, precipitam-se a um desenlace abismal, plutônico, inelutável. Há sempre um corredor que conduz à loucura.

São duas as únicas vestimentas dos acometidos por ciúme: uma mordaza áspera e estreita, seus próprios dentes de ranger perolado. Eles habitam as sombras do próprio pensamento, quase sempre adulterado e cinético, de cuja alimentação permanente são sujeito e objeto. Redobram os níveis da razão (dis)saborosa e espessa com que nutre sua imaginação muito privada, e dessa mesma imaginação colhem espasmos dissimulados; um gosto tão amargo, quanto inconfessável.

Bases poligonais triangulares, admitidas metaforicamente como representações gráficas de relações interpessoais, engendrariam, por geometria pura, o prelúdio do equilíbrio. Ou, o contrário: seriam a base profícua para que se disseminasse o nocivo sentimento de ciúme, uma vez que entre três objetos torna-se inviável ou ao menos duvidável a cristalização do sentimento de reciprocidade, em sua semântica plena. A reciprocidade entre três vértices de uma relação amorosa tende a inaugurar uma dinâmica incompleta ou fragmentada, mais propensa a ruir do que em outra estrutura relacional.

Assim, apresenta-se um paradoxo: a ligação trilateral como exaltação de um estado harmônico com justo equilíbrio de forças – seja tal equilíbrio provisório ou não – ou como prenúncio de um desajuste entre potências desiguais, fadado à desconstrução. Em ambas as circunstâncias, o ciúme tem possibilidade germinante, seguindo rumos de configuração distintos. No primeiro caso, constitui-se por uma mesclagem de excitação

e silêncio, de vocação predominantemente plutônica; no segundo, por um amálgama de inquisições e exigências, com latente tendência oclusiva.

O ciumento plutônico cala de antemão – é seu trato consigo mesmo. Muitas vezes, impõe a si uma mordação imperativa, que bloqueia ou limita a força de sua mordedura: ou morde a si mesmo, no silêncio obscuro e limítrofe entre a dor e o gozo, ou apassiva os próprios dentes em retração. Ocorre distintamente com o ciumento oclusivo. Ele explode em jorro interrogativo (interrogatório). Persegue, acusa, reclama garantias, e volta a força de sua dentada para fora de si mesmo – a mordida por excelência. Mordação e mordida.

Se a mordação reverte a força da dentada para dentro do indivíduo que a projetaria livremente por instinto, não há qualquer gosto, além do gosto próprio. O sal de dentro do próprio corpo é o alimento solitário, da mágoa ou do prazer, uma solidão contundente se antecipa em materialidade. Com a mordida é diferente. Os dentes projetam-se famintos, buscam afundar-se em uma outra carne, reinaugurar uma experiência de sabor: saber. Ainda que o objeto deste saber seja inventado; uma fábula, um blefe, uma ficção a serviço de sua paz, depois de atravessar o tempo incontável de seu tormento, tumultos a procura de um nome, um aceno de assentimento, uma lágrima exausta de culpa e rendição. Ele próprio não suportaria mais o corpo retesado em iminência epiléptica e a premente necessidade de fruição letárgica.

Convém enfocar ainda uma terceira espécie de ciumento, que neutraliza fronteiras entre as categorizações aqui propostas até então, porque se fundamenta em um comportamento que é ponto de interseção entre ambas, ponto central, decisivo em seu perfil imanente: o desejo de estar onde se está ausente. Esta incongruência locativa,

territorialista-corporal, dilacera o ânimo de qualquer afetado pelo ciúme – ele é um expatriado, exilado compulsório de seu espaço eleito.

Sob tal escopo argumentativo, é razoável admitir que haja o ciúme do objeto amado, ainda que não exista um terceiro elemento a representar ameaça ou concorrência. Contribui para acelerar a corrosão emocional demandada por esta experiência o silêncio do objeto amado diante de questionamentos, a sua franca e indiferente ausência de justificativas para que não demonstre amor recíproco, correspondência. As lacunas sobrepostas de tal silêncio, apático, frio e desapaixonado, autorizam o agravamento e a complexificação de fantasias suspeitosas e sentimentos vertiginosos e depressivos de rejeição.

Falta, intervalo, descontinuidade, vão: eis, paradoxalmente, a terra fértil para o brotamento e a propagação – ora desproporcionais, por vezes fatais – de uma sombra de alcance amplo, falsa e contraditoriamente iluminada, segundo asserção shakespeariana, porque iluminada por um brilho esverdeado, porém tenebroso e letal.

Em *Asfalto selvagem*, de Nelson Rodrigues, por meio de um retorno no tempo da narrativa, a biografia da personagem central é retomada a partir dos dezoito, época em que viveu uma experiência erótica definidora, definitiva e traumática. Vértice principal de uma intensa relação afetivo-sexual com uma amiga e um irmão que lhe fora apresentado como primo ao longo de toda a vida, direciona seu impulso libidinoso a ele e recebe o mesmo impulso de ambos. Sílvio e Letícia, noivos entre si, revelam-se, em pontos distintos da trama, amando e desejando Engraçadinha.

A parcela incestuosa da relação não é sabida e sua revelação, mais adiante, determina a precipitação trágica da primeira parte da obra, depois da qual, anos mais tarde, a protagonista aparece em um casamento infeliz com Zózimo, endurecida pelo

drama vivido, mas tendo filtrado dores ao longo do tempo decorrido. A dor suprema, no entanto, atualiza-se pela simples presença do filho primogênito, fruto do fatal envolvimento com Sílvia.

A partir destesmotes de elaborada tensão erótica, o discurso literário providencia uma intrincada sequência de encontros, cenas e diálogos entre tais personagens, em que o sentimento de ciúme manifesta-se de maneira dinâmica e prismática. Assim, constitui pretensão deste texto apreciar as estratégias utilizadas pelo discurso literário a fim de erigir as diversas e caleidoscópicas cenas de ciúme na mencionada novela rodrigueana, de modo a estabelecer vínculo entre tais procedimentos discursivos e as bases semânticas centrais aqui atribuídas ao referido sentimento.

Em uma passagem de *Asfalto Selvagem*, Zózimo, em choro sentido, desatado e etílico, confronta a mulher, em um rompante incomum: “Quem é você?”. Casado há vinte anos com Engraçadinha, jamais viu a mulher nua, a não ser pela fenda da fechadura, furtivamente, durante seus banhos solitários e de lacre ortodoxo. A questão que o mortifica é isenta de desconfianças específicas. Não há ameaça personificada, e sequer há um terceiro elemento que obstrua a comunicabilidade amorosa com a mulher; ela própria, em seu velamento de identidade, é o obstáculo.

Ao escolher para os encontros físicos com o marido a escuridão, o silêncio e a esporadicidade, ela restringe ou anula entre o casal o encontro de almas, consciências, incitando a incerteza e a insegurança. Bem ao gosto proustiano, o não saber acerca da identidade do outro, bem como não ter dele notícia sobre o que se quer, são o manancial do sofrimento de ciúme. Insistindo na cena do banho espionado, é razoável considerar que o desejo de ver e tocar a nudez da mulher é um desejo de transposição locativa: querer estar onde não se está, ou onde a presença é negada, vetada.

Parece então resumida na configuração do personagem Zózimo esta combinação – o fermento amargo daquele que sente o ciúme: o desejo de estar em um lugar em que não se é desejado, o desconhecimento da identidade do outro, com o qual se tem uma relação. O marido dispensado, absolutamente prescindível, poderia criar a partir desta dinâmica relacional perversa uma teia imaginária de suspeições torturantes, delírios imaginativos de inclinação masoquista. Ao invés disso, cala predominantemente, resignado; à parte momentos escassos de hipérboles alcoólicas, em que não avança além da própria pergunta, talvez temeroso da resposta.

Anos mais tarde de abraçar por culpa a religião protestante, com a qual adquiriu a máscara composta do recato e fisionomia social da mulher de família, Engraçadinha era de tendência licenciosa, provocativa, exibicionista e livre. Por vaidade apenas, seduziu Sílvio na mesma ocasião de seu noivado com Letícia, inaugurando ali uma tríade complexa de conexão.

Ao perceber que o rapaz, mesmo depois do ato sexual, insiste em manter o noivado com Letícia e reafirmar o amor por ela, Engraçadinha, ainda isenta de ciúme, mas inflamada por uma vaidade quase patológica, determina-se ainda mais a conquistá-lo e fantasia destruir a relação dos noivos. Conta então, aos seus moldes, a Letícia o ocorrido com Sílvio na festa de noivado. E então uma reação inusitada, também esvaziada de ciúme: a moça entende, coloca-se ao lado da amiga e se dispõe a convencer o noivo a reparar o desvio. Ou um ciúme seco, distorcido, remodelado, íntima e contraditoriamente agradável, quando supõe a cena, excitada, diante da recente revelação:

Apertando a cabeça entre as mãos – sem uma lágrima – voltada para a parede, Letícia teria uma porção de pequenas curiosidades femininas.

Gostaria de saber o dia, a hora, sobretudo onde os dois, pela primeira vez... de costas para a prima, e com um dilaceramento tão fundo...¹

Mais tarde, em conversa com o noivo, oscila entre uma vaga e teórica consciência de posse e desejo por ele e um esforço prático de doação desprendida, altruísta e heroica: “Queria dizer-lhe: - “Eu não te dou a ninguém”. Te quero para mim. Fica comigo. Foge comigo. Vem.” Soluça: - Sílvia, você tem que se casar com Engraçadinha.”²

À medida que o ciúme de Letícia delinea-se gradualmente, assume duas particularidades importantes: a sua tendência em calar – mordada de tortura – e a inversão do objeto: ele não é o noivo, mas a amiga, por quem nutre verdadeiro, clandestino e recluso amor: “Letícia queria perguntar: - ‘Mas ela ficou mesmo nua? E completamente? Tirou as meias? Tu achaste o corpo bonito? É lindo? Não é lindo? Oh, Sílvia!’” Mas não perguntou nada.³

Bases poligonais triangulares estariam de fato destinadas ao equilíbrio? Ou haveria um vértice insuspeito de explosão a colocar abaixo a estrutura, fazendo-a ruir? Sílvia é, sem dúvida, o ponto de desequilíbrio, o vértice contundente, a possibilidade de surpresa. Mas ainda não é o ciúme. Ele transita entre o desejo por Engraçadinha, cujo relevo se acentua à medida que a trama evolui, e a obrigação com a noiva, proporcionalmente esvaziada pelo primeiro e central sentimento.

A protagonista, no entanto, não corresponde ao amor de Letícia, quando lhe é revelado, nem sequer acompanha a gradação crescente do envolvimento de Sílvia, até o momento em que emerge a sua verdadeira identidade de irmão. A consciência do enlace

¹ RODRIGUES, Nelson. (2008) p. 61

² Ibid, p. 64.

³ Ibid, p.66.

incestuoso agrava o sentimento de amor. Ele cresce teoricamente diante da proibição, bem como o desejo de profaná-la.

E é na região limítrofe entre desejar e ser impedida de consumir o desejo que ela conhece um ciúme de dor e gozo, ciúme inventado e induzido por si mesma, experiência autorizada necessariamente pela presença de um terceiro corpo, Letícia. É a ela que Engraçadinha cede a posição de amante, para recolher-se à sombra passiva, até então desconhecida, de testemunha. Nenhuma abnegação nesta sombra, apenas uma crescente tensão erótica, negociando consigo mesma entre a consciência e o corpo, calar e morder, de mordação:

Pela primeira vez ela não fala. É possuída no silêncio e nas trevas e sem uma palavra. Não chora como antes; não soluça, como antes: - “Oh, Sílvio! Sílvio! Sílvio! Oh, Sílvio.” Repetir o seu nome e, depois, mordê-lo, estraçalha-lo. Dilacerar nos dentes o seu nome! Por fim, ficar subitamente hirta, gelada. Assim fora da última vez e agora não. Agora deixa-se possuir em silêncio. Não diz uma única vez o nome do ser amado. Ele sente apenas o rumor dos dentes trincados. E ele não percebe que o beijo de Letícia não tem o gosto da boca de Engraçadinha. Esta, na outra extremidade do quarto, rola; está de braços, com o rosto amassado contra o travesseiro. Morde a fronha. Poderia chama-lo: - “estou aqui, Sílvio!” Ou ainda: poderia levantar-se para acender a luz. Mas fica onde está. Repete para si mesma: - “Eu não posso, Sílvio! Quero e não posso!” Sentir que era ela que estava sendo desejada e possuída – e não Letícia – dava-lhe um prazer quase mortal.⁴

Ciúme e cio confundem-se na penumbra de corpos enganados, transfigurados ou compelidos à inércia. E o silêncio é um pacto mútuo; a mordação, um imperativo, uma condição. Convém lembrar a árdua tarefa de relacionar comunicabilidade, desejo, e imagem, exposta por Giorgio Agamben em *Profanações*:

O corpo dos desejos é uma imagem. E o que é inconfessável no desejo é a imagem que dele fizemos. Comunicar a alguém os próprios desejos sem as imagens é brutal. Comunicar-lhe as próprias imagens sem os desejos é fastidioso (assim como narrar os sonhos ou as viagens). Mas fácil, em ambos os casos. Comunicar os desejos imaginados e as imagens desejadas é a tarefa mais difícil. Por isso a postergamos. Até o momento em que começamos a compreender que ficará para sempre não cumprida.⁵

⁴Ibid, p 147-148

⁵AGAMBEN, Giorgio. (2007) p. 49

Não mudo ou velado, mas eloquente e retumbante é o ciúme oclusivo. Sem qualquer filtragem ou conveniência, avesso a comedimentos e coerência, escapista ao bom senso e ao que se julga pertinente; antes, porém, de atingir a retumbância e a eloquência mencionadas, germina em ambiência onírico-alucinada, entre espectros confusos e mordazes, fazendo da vida de quem o abriga uma iminência infernal, uma potencialidade trágica.

Durval, o Édipo inconsciente, o filho acometido, fruto-filho ileso da remota e traumática experiência incestuosa da protagonista, atualiza a passionalidade paterna, em crises recorrentes de ciúme da mãe, em que a faz depoente e submissa. Em desespero, ele clama por negativas, diante de seu inquérito tumultuado. Mas a partir de qualquer delas, seu engenho fabrica novas inquisições, suspeitas, inquietações, mágoas e dúvidas, em permanente, perene ciclo, vicioso e viciado.

Com as antenas frequentemente atentas ao em torno da mãe, Durval percebe de imediato o interesse de Odorico Quintela, retroativamente obcecado por Engraçadinha e franco artilheiro em seu objetivo de conquista. Imponente membro do judiciário e declarando constantemente seu poder de influência, Odorico apoia-se na precária e dificultosa vida familiar de Engraçadinha, para prometer e cumprir favores aquisitivos, em prol de permanecer sonhando com o alcance de seu delírio erótico. Durval, ciumentoplosivo e rascante, eclode em soluço embriagado: “ – Mamãe, eu mato esse juiz! Dou um tiro! Mato, mamãe!”⁶

O primogênito não suportaria silenciar sua angústia. Ele volta a potência de sua mordedura, a contundência de seus caninos, para o culpado em potencial da aflição que

⁶ RODRIGUES, Nelson. (2008), p. 557

vive. Parece convir ao ciumento, para livrar-se do ciúme, depositar com violência a sua pata sagitária e firme sobre quem a provoca.

A propósito do ciúme e as distintas instâncias por ele demandadas no tocante à divergência entre sentir e saber, são válidas e pertinentes as considerações de Thiago de Almeida em sua dissertação:

Pode-se inferir que o ciúme provoca sofrimento ao outro parceiro e mesmo assim, o ciúme corrói cada pessoa que o sente interiormente, ou seja, "sabe-se" uma coisa e "sente-se" outra, e muitas vezes não há uma correspondência do dizer-fazer. O racional duela com o emocional, de tal forma que ninguém pode saber ao certo quem ganhará e nem se pode torcer, *a priori*, por um deles.⁷

Parece ser irremediável o contato com o ciúme, a alguma altura da alma e da vivência, independente de que ele seja uma seta de chegada, uma seta de partida, ou uma seta indistinta e dispersa entre a chegada e a partida. E a exasperação deste contato é fato, no mínimo, presumível e, no máximo, escamoteado.

Vivificada ou mortificada, erótica ou tanática, estridente ou surda, a potência do ciúme evidencia a condição humana, sua instabilidade imanente, a longa e espessa distância que nos afasta do etéreo. Sentir e manifestar ciúme é confessar o medo que temos de uma natureza provisória, de nossa própria e miserável provisoriedade. É flertar com a ilusão do eterno, sendo o avesso dela. É ingênua e irrevogavelmente duvidar da morte. Para logo em seguida, constatá-la de frente.

⁷ALMEIDA, Thiago de. *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado em Psicologia.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALMEIDA, Thiado de. *Ciúme e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. São Paulo: USP, 2007. Dissertação de Mestrado em Psicologia.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad.: Hortênsia dos Santos Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. 2ª ed.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 7ª edição. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 6 vols. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

DELEUZE-GUATTARI. Pró-Édipo. In: CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética do indivíduo: o indivíduo na natureza, história e cultura*. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 52-56.

HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. 2ªed. Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. Só serve esta tradução.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

.....*Além do bem e do mal*. Trad.: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2001.

PLATÃO. *Fedro*. 5ªed. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1994.

----- *Mênon*. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; Loyola, 2001.

PROUST, Marcel. *A Prisioneira*. Trad.: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2003. (Em Busca do Tempo Perdido)

PROUST, Marcel. *A Fugitiva*. Trad.: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Globo, 2003. (Em Busca do Tempo Perdido)

RODRIGUES, Nelson. *Asfalto Selvagem: Engraçadinha, seus pecados e seus amores*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVA, Márcio Seligman. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SILVA, Márcio Seligman (org.). *História, memória, literatura – O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 375-387.

WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel*. Trad.: de José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.